

Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo

The experienced publics that inhabit Sesc in São Paulo

Los públicos experimentados que habitan el Sesc en São Paulo

Ioná Damiana de Souza
Celina Dias Azevedo

“[...] através da multiplicidade sucessiva das idades, cada um, sem se dar conta, leva consigo em qualquer idade, todas as idades. A infância, a adolescência, não desaparecem na idade adulta, mas são recessivas; a infância reaparece nos jogos. A adolescência nos amores e nas amizades; o velho também mantém todas as idades precedentes, e pode mais livremente reencontrar a infância e a adolescência.” (Edgard Morin)¹

RESUMO: Neste artigo, a pesquisa O Trabalho Social com Idosos no Sesc - realização do Sesc São Paulo, em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - é o ponto de partida para identificação do público idoso que frequenta os Centros Culturais e Desportivos do Sesc no estado de São Paulo, considerando-se que pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem referências importantes para as ações dos programas sociais e para refletir sobre a relevância dos trabalhos. Além do reconhecimento do Programa Trabalho Social com idosos, criado em 1963, o perfil socioeconômico, alguns estereótipos e as demandas sociais dos idosos fazem parte deste recorte que propõe reflexões preliminares com outras pesquisas que trazem informações sobre o cidadão idoso em Idosos no Brasil e a Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas.

Palavras-chave: Programa Trabalho Social com Idosos; Pesquisa Idosos no Brasil; Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas; Idosos no Sesc São Paulo.

¹ Morin, E. (1997), *Meus Demônios*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. Recuperado em 20 abril, 2016, de: <http://edgarmorin.sescsp.org.br/c%C3%ADrculo-po%C3%A9tico/idade.aspx>.

ABSTRACT: *In this article the Trabalho Social com Idosos research - realization of the SESC São Paulo in partnership with the Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - is starting point for identification of elderly assisted by Sesc São Paulo, considering that quantitative and qualitative research provide important references for the actions of social programs and to reflect on the relevance of the action. Recognition of Trabalho Social com idosos, created in 1963, the socioeconomic profile, stereotypes and social demands of the elderly are part of this reflection proposes a dialogue with other important research that has the senior citizen as the center: Idosos no Brasil and Hábitos Culturais dos Paulistas.*

Keywords: *Social work with elderly; Elderly in Brazil; Cultural Habits of the Paulistas; Elderlies at SESC São Paulo.*

RESUMEN: *En este artículo, la investigación El Trabajo Social con los ancianos en el Sesc - realización del Sesc São Paulo, en asociación con el Centro Brasileño de Análisis y Planificación / CEBRAP - es el punto de partida para la identificación del público anciano que frecuenta los Centros Culturales y, Deportivos del Sesc en el estado de São Paulo, considerando que investigaciones cuantitativas y cualitativas ofrecen referencias importantes para las acciones de los programas sociales y para reflexionar sobre la relevancia de los trabajos. Además del reconocimiento del Programa Trabajo Social con ancianos, creado en 1963, el perfil socioeconómico, algunos estereotipos y las demandas sociales de los ancianos forman parte de este recorte que propone reflexiones preliminares con otras investigaciones que traen informaciones sobre el ciudadano anciano en los ancianos en Brasil y la Búsqueda Hábitos Culturales de los Paulistas.*

Palabras clave: *Programa de Trabajo Social con los ancianos; Investigación Ancianos en Brasil; Búsqueda Hábitos Culturales de los Paulistas; Ancianos en el Sesc São Paulo.*

Introdução

Ao longo de mais de meio século de presença no cenário sociocultural, primeiramente de São Paulo e em seguida nacionalmente, o *Programa TSI – Trabalho Social com Idosos*, do Sesc, passa por constantes avaliações e reformulações na intenção de responder às demandas do cidadão idoso, visto que importantes mudanças sociais aconteceram nestas décadas desde sua implantação.

Tendo como pressuposto a educação como dispositivo de transformação social, atividades para experimentação de linguagens artísticas, trabalho corporal, e ações em diferentes campos da cultura, as unidades do Sesc São Paulo oferecem aos velhos um espaço de aprendizado e sociabilização.

A pesquisa “*O Trabalho Social com Idosos no Sesc*” – realizada em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP - apresenta-se como forma de aprimorar a atuação do Sesc São Paulo no campo sociocultural, uma vez que pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem referências importantes para as ações dos programas sociais, para entender as demandas que nos apresentam.

Por outro lado, deparar-se com a sistematização da pesquisa desperta para o fato de que as tentativas de padronização podem aprisionar a vida em categorias binárias, ignorando a realidade diversificada que a contemporaneidade e a experiência de trabalho evidenciam em igual medida.

Na interface das atribuições entre a Gerência de Estudos e Desenvolvimento e a Gerência de Estudos e Programas Sociais foi delineada esta investigação, com a compreensão da relevância do *Programa Trabalho Social com Idosos* – com seus espaços para encontros, trocas afetivas, aprendizado e, principalmente, de promover e fomentar a reflexão como forma de resistência a padrões que procuram aprisionar a vida em formatos cristalizados.

Neste artigo, optamos por fazer um recorte de temas que dialogam diretamente com alguns objetivos do *Programa Trabalho Social com Idosos*, e exercitar essa leitura múltipla, instrumentalizada pelas pesquisas, mas também amparada nas discussões atuais do envelhecer, e na observação e diálogo com estes públicos mais experientes – como preferem ser referidos –, conhecidos há pelo menos meio século pela instituição.

Pesquisa Sesc/CEBRAP – Público idoso nas Unidades do Sesc São Paulo

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cronologicamente, o cidadão com 65 anos de idade nos países desenvolvidos e aqueles com 60 anos de idade nos países em desenvolvimento, são considerados idosos. No Brasil temos ainda o *Estatuto do Idoso* que traz em seu artigo 1º “ [...] destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”.

A partir desse parâmetro, foi feita uma coleta das entrevistas junto aos públicos presentes nos Centros Culturais e Desportivos do Sesc no Estado de São Paulo com uma pergunta-“filtro” que os incluiu nesta amostragem.

Embora a pesquisa tenha trazido outras questões importantes, vale uma revisão no perfil socioeconômico em relação a sexo, renda, escolaridade, raça/etnia e posição na ocupação, que buscaremos comparar à pesquisa *Idosos no Brasil*, uma investigação domiciliar realizada pelo Sesc e Fundação Perseu Abramo em 2006, que segue como referência para o tema.

Em relação ao **sexo**, 59% são mulheres, e 41% homens, assim como na amostra nacional, prevalecem as mulheres (57%), o que de certa forma legitima o recorte obtido. Ao serem questionados sobre sua **cor ou raça**, 72% dos frequentadores se declararam brancos, contra 54% dos idosos que responderam à pesquisa nacional. Do ponto de vista da **escolaridade**, o público idoso do Sesc-SP se concentra em duas faixas: fundamental incompleto e completo, com 38%, e superior incompleto e completo, com 36%. Embora aproximadamente 30% das pessoas relatem dificuldades para ler, a escolarização máxima encontrada nos públicos do Sesc-SP é quase três vezes maior do que a do perfil dos idosos brasileiros, pois, na amostra nacional, apenas 14% possuíam ensino terciário incompleto ou completo.

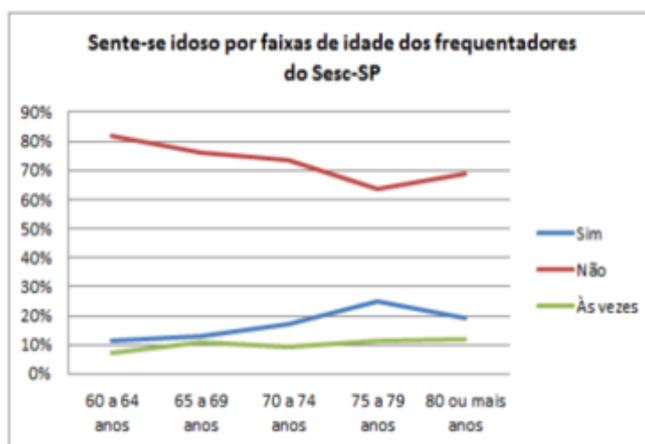
Em concordância com os dados mais gerais sobre a **posição na ocupação**, predominam os aposentados exclusivos, perfazendo 61%, quase dois terços da amostra. Os chamados ativos no mercado de trabalho, isto é, trabalhando ou procurando emprego, perfazem 24% e 15%, são aposentados inativos, representados em geral por estudantes ou donas-de-casa. 52% se aposentou por tempo de trabalho, e apenas 20% por idade; 21% ainda não se aposentou; 5% se aposentou por invalidez; e 2% por outras razões.

Dentre os que trabalham, são mais frequentes os trabalhadores por conta-própria sem INSS (36%); 18% são assalariados com carteira; 12% trabalham por conta própria com INSS; e 9% são funcionários públicos. Cerca de 45% desses frequentes não têm contribuição para a previdência, e embora seja baixa a incidência de idosos sem renda nenhuma, muitos dependem unicamente da aposentadoria como fonte de renda.

Em relação à **renda**, há em torno de 60% de pessoas com renda entre 2 e 10 salários mínimos; por outro lado, mais de um terço do público se concentra abaixo de 2 salários mínimos e 11% apontam nenhuma renda, ou renda menor que 1 salário mínimo. Em que pese as diferenças de renda apontadas na pesquisa nacional, que chegam a variar até 10% nessas faixas, vale apontar que há em torno de 40% de idosos frequentes no Sesc-SP que se caracterizam por baixa renda e escolaridade. Se fôssemos reduzir essa leitura às principais diferenças, *vis a vis* o perfil encontrado na amostra nacional, esse público seria caracterizado por renda e escolaridade mais elevados que a média geral, predominância de brancos na declaração de raça/cor, e se partirmos para uma segmentação por sexo, o resultado apresentará uma certa heterogeneidade.

A leitura destes aspectos básicos é necessária a reflexão das instituições que realizam um trabalho social, sobretudo no sentido de reduzir desigualdades, e aponta uma série de informações que se tornam significativas no contexto da relação com esses públicos e as ações oferecidas. No entanto, a qualificação destas informações se enriquece com a leitura de outros temas que a pesquisa traz, observando-se que a construção do pensamento a respeito das faixas etárias está em constante transição, e entender esses meandros pode ajudar a identificar tendências.

Um dos primeiros signos a analisar nesse sentido, ocorre ao observar a divisão por faixas etárias, que resultou num escalonamento de 58% entre os 60 e 69 anos; 48% acima de 70 anos de idade; e 11% acima de 80 anos, distribuição que denota maior presença entre os 60 e 80 anos. Ao observar as faixas, há uma redução de incidência conforme avança a idade. Seria o avanço da idade um fator de redução da frequência, portanto um fator limitante? Para ir além das primeiras impressões, é importante explorar outras questões colocadas. Uma delas é o sentir-se idoso, à qual 75% de entrevistados responderam negativamente, ou seja, não se sentem assim.



Fonte: Survey Sesc-Cebrap. Elab. Cebrap-ECO.

Olhando as respostas por faixas, observamos um decréscimo sutil nesse “Não se sentir idoso” que, curiosamente, se eleva novamente após os 80 anos. Mas, o que poderíamos depreender por “Sentir-se velho ou idoso”? Quais as hipóteses que podemos levantar para um quarto das pessoas recusarem o grupo socialmente definido como de velhos ou idosos? Na pesquisa domiciliar nacional “Idosos no Brasil” (Sesc/FPA), realizada em 2006, por exemplo, 53% dos entrevistados afirmou se sentir idoso. Talvez esses públicos que frequentam o Sesc tenham outro entendimento dessa condição, algo que se insinua, por exemplo, quando 48% não atribuem velhice ao acúmulo dos anos.

Ao serem instados sobre o que indicaria que alguém chegou à velhice, 93% mencionam dimensões negativas que, fracionadas, assim se apresentam: 26% aspectos psicológicos; 22% limitações físicas; 13% perda de saúde ou debilidades; e 13% estilo de vida. Entre os aspectos psicológicos, foram citados a perda de ânimo e o cansaço e o fato de a pessoa sentir-se idosa. No âmbito físico, as limitações que impedem um cotidiano autônomo, e na menção às doenças, figura o fato de se entregar, ou não, a elas. Aparecem ainda menções ao isolamento, e a ficar sem fazer nada. Ainda na constatação de um limite objetivo, se interpõem duas camadas: há o peso de um fator decisório, no qual alguém se coloca em tal posição, e outro identitário, ao incluir-se nesse grupo que é percebido de forma pejorativa.

Ou seja, ainda que tenha alcançado maior visibilidade na contemporaneidade, a questão do envelhecimento ainda é tratada como problema, numa abordagem que reforça preconceitos. O imaginário social é repleto de mitos e estereótipos que percebem o envelhecer apenas como período de danos e carências. Fragilidades e perdas são quase que automaticamente relacionados à velhice e ao processo de envelhecimento.

Com o aumento da expectativa de idade e a estruturação de políticas se consolidando para lidar com as demandas sociais que deste ponto implicam, fala-se mais da velhice que se tornou objeto de estudos e estatísticas, mas que continua sendo interpretada como algo negativo e carregada de simplificações, como ressalta Silvana Tótorá (2006, p. 37 e p. 41):

Em uma cultura que valoriza os excessos de prazeres e o culto da felicidade como ausência de sofrimentos, doença e dor, ser velho é privação. Se o tempo se consome em um movimento linear e a morte é algo que se quer exorcizar, ser velho assume um estatuto negativo [e envelhecer] um mal reservado àqueles que não seguiram uma prescrição correta de vida.

Novamente um aspecto negativo, no qual a insinuação de que a finitude pode estar mais próxima evoca uma espécie de acerto de contas, no qual são mais prováveis a dívida, e a dificuldade em seguir sua própria vida, estabelecendo-se novas formas de adaptação. Entretanto, o público frequente no Sesc aponta variações nesse padrão, pois 90% afirmam que as atividades do dia a dia não se constituem como problema, o que, novamente, se destaca em relação à pesquisa nacional “Idosos no Brasil” (2006), na qual entre 60 e 80% dos entrevistados atestam dificuldades para desempenhar atividades cotidianas.

Esse ativismo dos frequentes na instituição também se observa no fato de que 73% deles praticam atividades físicas sempre, e 78% relatam ter saído a um bar ou restaurante no último mês, para contemplar apenas os maiores percentuais. Entre os tipos de atividades mais praticadas, figuram os exercícios físicos, a hidroginástica, caminhada, ginástica e academia e a hidroginástica.

Aqui vale lembrar o conceito do *envelhecimento ativo*, proposto pela Organização Mundial da Saúde que tem permeado, sobremaneira, ações que têm os velhos como público-alvo e, também, as orientações e reflexões sobre o processo de envelhecimento. Inúmeras matérias jornalísticas e programas de TV², por exemplo, que têm a intenção de serem informativas e influenciar comportamentos, fazem uso desse conceito, ao proporem como base para o envelhecimento saudável a prática de atividades físicas regulares. Podemos pensar o quanto esse modelo pode influenciar o cotidiano de alguns velhos e fazer com que procurem, principalmente, atividades físicas como forma de manutenção da qualidade de vida e, também, a sociabilização.

² Uma rápida pesquisa pode mostrar como o “envelhecimento saudável” tornou-se mote de inúmeros programas jornalísticos semanais veiculados pelas emissoras de televisão.

Outras atividades mencionadas foram as festas ou lugares para dançar (44%); missa ou culto religioso (69%); ir a parques ou praças (61%); cinema (24%); shows, teatro e exposição, além dos já citados com maiores percentuais. Um em cada 5 dos entrevistados realizou alguma dessas atividades culturais no último mês, ou seja, embora rarefeitas no cotidiano, essas atividades têm certa constância. Para as práticas domésticas, predominam com frequência semanal: ouvir música (88%); ler jornais e revistas (78%); e assistir a filmes na TV, ou computador (61%).

Segundo a Pesquisa Hábitos Culturais dos Paulistas, realizada pela J. Leiva Cultura e Esporte, em parceria com o Sesc e CCR, o engajamento do paulista em atividades culturais e de entretenimento é maior à medida que diminui a idade e aumentam a escolaridade e o poder econômico. Foi feita uma comparação entre estes dois perfis extremos, ou seja, jovens de classes A/B e mais escolarizados *versus* idosos de classes D/E menos escolarizados, e, na prática de assistir a filmes em casa – categoria que nos eximiria de refletir sobre limites físicos e financeiros implicados – atinge 120% de diferença. Nesse mesmo corte, 85% dos jovens foram ao cinema no último ano, enquanto 29% dos idosos o fizeram. Seria o tipo de programação oferecida, o desinteresse, a falta de acesso, ou uma combinação desses aspectos que acabam por se interpor?

Um dos temas explorados pela investigação foi a disponibilidade para a realização de atividades junto a públicos de outras faixas etárias. Com exceção dos bailes, excursões e academia/ginástica, não predomina um desejo de participação exclusiva de sua própria faixa etária. Agregando respostas por outros tipos de atividades, percebemos que 78% defendem atividades para todos os públicos, sendo que a maioria (56%) aponta para uma combinação entre todas as idades, enquanto 15% indicam somente adultos. Ainda que minoritário, há um grupo de 20% de respondentes que gostaria que atividades fossem realizadas de forma exclusiva para sua faixa etária.

Por que atividades como os bailes, as excursões e a ginástica seriam mais confortáveis entre seus contemporâneos? A questão etária – e todas as implicações decorrentes – a preocupação com a aparência, surgem como elementos essenciais nessas investigações. Não há como ignorar que a aparência em nossa cultura é elemento central na identificação do velho, além da idade cronológica. Maria Helena Villas Boas (2007, p. 26) discorre a respeito da identidade do velho e analisa qual o medo existente: envelhecer ou parecer velho?

A autora cita em seu texto a percepção de um grupo de idosos, ao serem inquiridos sobre a velhice, e registra:

As considerações dos depoentes, na sua maioria, assinalam de fato características presentes no corpo como demarcadoras de idade (perda de beleza, rugas, doenças, dificuldade de movimentos etc.). Nessas marcas, a perda da beleza (“do frescor” e “do viço”) aparece como elemento primordial. É de se notar, também, que o padrão de beleza implícito é o da juventude – beleza “perde-se”, não se admite a possibilidade de outros padrões ou de padrões alternativos [...]

É possível que os outros tipos de atividades que o Sesc oferece que venham à mente desses respondentes não exaltem as diferenças de idade dos participantes. Por outro lado, 45% dos entrevistados afirmou não saber da existência de atividades exclusivas para a terceira idade, e apenas um terço afirma já ter ouvido falar no Trabalho Social com Idosos – nome que a instituição dá às ações oferecidas a este público – embora tenham sido encontrados para a entrevista, muito possivelmente, a caminho de alguma atividade classificada dentro deste âmbito. Há uma possibilidade de busca dessas tais atividades por um sentimento espontâneo de pertença ao grupo, sem aceitar a denominação idoso, corroborando a informação anterior da pergunta sobre o “não se sentir idoso”.

Talvez este público entrevistado deixe nas entrelinhas que prefere não ser visto, e nem chamado de tal forma. Eis um ponto de inflexão que ajudou a escolher o título do presente artigo: em virtude da perspectiva conceitual que a instituição tem adotado, de abordar o envelhecimento de forma mais ampla, surgiu a necessidade de uma escuta destes públicos em relação à nomenclatura. Foram sugeridos oito termos a partir de uma discussão prévia com equipes que atuam em atividades voltadas para o público idoso, e “experiente”, é o termo favorito, com quase 37% de menções; seguido por “melhor idade” com 27%; e “terceira idade” com 16%. “Idoso” aparece apenas em quarto lugar, com 6% das citações. Esta sequência mostra que aproximadamente 80% do público com 60 anos ou mais de idade do Sesc-SP prefere termos não associados à idade cronológica, e evita os termos estigmatizados.

O uso de eufemismos (< gr. *eufemismos*=bem-dizer) alude à dissimulação de raciocínios considerados cruéis, sentimentos incômodos ou termos-tabus – e em alguns casos revela e desvela a tentativa de utilização de palavras e expressões mais brandas e agradáveis, em substituição a outras consideradas “chocantes e/ou agressivas”.

Em uma sociedade que entende a velhice como sofrimento e tenta de todas as formas encobri-la, suavizá-la ou, até mesmo escondê-la, é esperado que termos desse tipo sejam adotadas para denominar pessoas acima de 60 anos.

O eufemismo como figura de linguagem sempre existiu, mas há momentos em que a força com que surge nos discursos revela sua finalidade ideológica. Não à toa, convivemos com vasta gama de termos para falar do velho e da velhice que aparecem de forma explícita nas respostas dos entrevistados: terceira idade, melhor idade, idade da sabedoria, feliz idade, digna idade, experiente, *seniores*.

O surgimento do termo “terceira idade” a partir dos meados do século XX – particularmente na Europa – inaugurou um movimento de tentativa de ressignificação positiva da velhice. A terceira idade, momento localizado após o período de trabalho e produção, seria o tempo em que o indivíduo, em sua aposentadoria, poderia dedicar-se às realizações pessoais que não foram possíveis anteriormente, a novos aprendizados, ao lazer, e à construção de novas relações sociais. Talvez a adoção do termo seja um dos fatores da longevidade da ação institucional. Não é incomum em eventos, encontros de idosos – ou mesmo em textos que circulam na internet – encontrar-se a afirmação “terceira idade sim, velho não!”. Para Joel Birman (2013),

Assim, quando foi enunciado o significante terceira idade, desde os anos 70 e 80 do século XX, para designar o que era até então denominado de velhice, foi forjado ao mesmo tempo um novo conceito sobre o processo de envelhecimento que era outrora inexistente. [...] Com efeito, por essa transformação a velhice deixou de representar o fim da vida e a expectativa da morte, para indicar um tempo outro da vida e da existência. Além disso, por essa transformação a velhice perdeu a marca da negatividade para se tornar uma positividade.

Certamente, a mídia ajuda na adesão a termos que, em outros momentos, não faziam parte do repertório do público. Poderia ser o caso para o termo “experiente” indicado por 37% dos entrevistados como preferido? Esse termo tornou-se popular a partir de uma série de televisão exibida pela Rede Globo de 10 de abril a 1 de maio de 2015. Em episódios, com histórias independentes, foram abordados temas sobre o envelhecer, redescobertos a possibilidade de se reinventar e sobre o viver essa fase da vida.

De qualquer forma, nesta pesquisa não é possível determinar se a produção da emissora estava atenta a este termo “preferido” pelos velhos, ou se a proposta veiculada por esta importante rede de comunicação acabou por influenciar o público, uma vez que, apesar de a pesquisa ter sido realizada antes da exibição, a publicidade sobre a série já era veiculada pela Globo. Para Beltrina Côrte (2013, p. 37), a televisão brasileira tem incorporado a velhice em sua agenda e provocado novas abordagens. Segundo a autora,

Os avanços tecnológicos no mundo da informação e da comunicação provocaram a criação de diversos meios e, conseqüentemente, os mais distintos produtos. Eles “alimentam” o imaginário da sociedade brasileira sobre ideários de velhices e envelhecimentos, e, claro, da longevidade que queremos. Os velhos se inseriram, se incluíram como consumidores, especialmente na mídia televisiva, considerada o principal veículo de comunicação em relação à quantidade de público e concentração de verbas publicitárias.

Como na entrevista, optou-se por fornecer uma série de termos aos entrevistados para que escolhessem o que consideravam mais apropriado e/ou que os faziam sentir-se mais representados, podemos conjecturar sobre que tipos de termos surgiriam caso fosse solicitada sua escolha espontaneamente.

No entanto, queremos nos deter um pouco mais sobre o termo que parece sofrer a maior rejeição e causa maior incômodo entre os entrevistados: velho. Será porque quando se pensa o termo “velho” faz-se uma associação quase que imediata com a morte? Ao ouvirmos a notícia da morte de alguém jovem, é comum uma reação geral de surpresa e pesar maiores do que ocorrem quando da morte de um velho. Parece que a morte (apenas) para um velho é natural. “Afinal, estava velho”. Estar velho é estar perto do fim?

Na contramão do senso comum, vale a pena apreciar o delicioso texto de Eliane Brum que coloca toda a força de resistência e potência na palavra “velho” e deixa para “idoso” e outros eufemismos a impressão da fragilidade e perda de garra pela vida.

Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade. Tenho muito medo dos eufemismos, porque eles soam bem-intencionados. São os bonitinhos, mas ordinários da língua [...] Velho é letra forte.

Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera, velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está [...] Idoso e palavras afins representam a domesticação da velhice pela língua, a domesticação que já se dá no lugar destinado a eles numa sociedade em que, como disse alguém, “nasce-se adolescente e morre-se adolescente” [...] Velho é uma conquista.

Ao serem perguntados sobre o termo mais incômodo, 54% das pessoas respondem “velho”. Na sequência, as respostas recaem sobre “antigo” e “idoso”. No limite, esta é uma questão menos operacional do ponto de vista da nomenclatura das atividades, e mais reflexiva, que permite, por vezes, fugir da domesticação da linguagem. Em um movimento que muitas vezes surpreende, encontramos reflexões como a de Tania Navarro Swaine³ que constrói uma outra referência a partir de sua experiência do envelhecer:

[...] eu gosto de minha “velhice” de espírito, minha “velhice” de corpo, forjadas durante os anos que se foram e dos quais não tenho saudade. Quando se fala de “política de localização”, não se trata somente de um lugar social estratégico ocupado, de uma experiência dada, mas igualmente de um lugar cronológico, histórico, minha história, da qual não me resta senão o presente. É ele meu referente de mim e o próprio presente é um lugar de passagem. Eu quero ser [...] guiado por escolhas estratégicas, sem que me definam nem por minha imagem, nem por um lugar determinado [...]

Em algum momento, um respondente disse querer ser chamado por seu nome. As pessoas querem ser reconhecidas em suas particularidades e, na impossibilidade desta distinção, talvez o termo experiente corresponda melhor à identidade que resulta do acúmulo do vivido.

Deslocando para o campo dos valores que se consolidam nesses “experientes”, foram feitas perguntas sobre temas polêmicos como o aborto, a pena de morte, e a descriminalização da maconha. Foi ofertada uma escala com gradação entre “a favor” e “contra”, com a possibilidade de neutralidade em relação à questão proposta.

³ Tania Navarro Swain - Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília, doutora pela Université de Paris III, Sorbonne. Criou e organizou a revista **Labrys, Estudos Feministas**, com o seu Grupo de Estudos Feministas-GEFEM.

Em que pese o fato de que existem possibilidades, entre uma escolha e outra, que se expressam, não só no posicionamento dos respondentes, mas nas perguntas elaboradas nesse sentido, as respostas foram agrupadas de forma binária para sistematização. 52% dos respondentes se posicionam a favor da pena de morte; 29% acham que as pessoas que fumam maconha devam ser presas; e 20% acham que mulheres que fizeram aborto deveriam ser detidas. Embora não tenhamos o mesmo recorte etário neste caso, uma pesquisa nacional realizada pelo IBOPE (2014) apurou que 79% dos brasileiros é contra o aborto; 46% a favor da pena de morte; e 79% são contra a legalização da maconha, colocando parâmetros parecidos para estes temas. Quando instados sobre a existência de cotas para negros e indígenas nas universidades, 53% se coloca a favor.

Uma outra questão realizada que traz à tona este universo de valores, é a que inquirir o sentimento em relação a uma projeção de casamento inter-racial, homossexual, ou com uma pessoa mais pobre que a família. Como o formato da pergunta aproxima os temas do universo pessoal do entrevistado, surge um envolvimento que o instiga a revelar suas posturas consolidadas. Tomando por base o “não aceitaria”, isto é, a rejeição, a maior tolerância está no ingresso de uma pessoa de outra cor ou raça na família, seguido de alguém mais pobre e por fim, um relacionamento homo-afetivo, apontado até dez vezes mais como não passível de aceitação. No entanto, chama a atenção nesse âmbito, o fato de que 37% das pessoas procurariam aceitar, isto é, constata-se que há uma disposição em lidar com um filho/filha que se casasse com uma pessoa do mesmo sexo. Ao serem instados sobre o preconceito em relação aos idosos, 84% afirmam que há preconceito, e um, em cada três, afirma já ter passado por isso em situações de desrespeito, humilhação ou até mesmo violência.

O que teria mudado na sociedade contemporânea em relação ao cenário descrito por Simone Beauvoir (1990, p.8), em sua obra clássica sobre a velhice, escrita nos meados do século XX?

Aí está por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio [...]. É preciso perturbar sua tranquilidade. Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.

A mudança fez-se à medida que a velhice, atualmente, é tema importante, decorrente do vertiginoso crescimento no número de velhos nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Se este exílio que a autora denuncia se deve ao retiro da chamada vida produtiva, novamente encontramos respostas dissonantes na pesquisa, pois 25% se declaram economicamente ativos e, em que pese o fato de estarmos buscando esses respondentes numa atividade externa – ou seja – já se excetuam dessa condição de isolamento, chama a atenção o fato de que idosos frequentadores do Sesc-SP sejam um público constante e “antigo”, iniciado antes dos 60 anos.

Algumas reflexões

Entendemos que uma das questões essenciais quando nos referimos ao processo de envelhecimento diz respeito às possibilidades de fuga de padrões e modelos estabelecidos, sejam eles de quaisquer tipos. Trata-se de uma reivindicação de reconhecimento de um ser humano integral, e o tempo cronológico é resoluto e insuficiente para descrever tamanho acúmulo de experiências.

Medidas como indicadas no Art. 22 do Estatuto do Idoso (2003), por exemplo, sobre a inserção de conteúdos que discutam o processo de envelhecimento e a importância da valorização da pessoa idosa no ensino formal, se implementados, podem auxiliar na desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação ao velho e ao envelhecimento. Sabemos ser um longo percurso para mudanças relevantes, que possam gerar outra relação e percepção sobre essa etapa da vida.

Ao propor ações que têm a educação como pressuposto para a transformação social, o Sesc São Paulo atenta para a necessidade de serem discutidos aspectos conceituais e metodológicos relacionados a seus programas que são, em última instância, formas de intervenção na realidade social. Assim, pesquisas como a realizada nas unidades operacionais, favorecem a articulação entre a prática proposta pela instituição e a investigação na tentativa de identificar e compreender seu público.

O Sesc São Paulo possui uma história de pioneirismo no Trabalho Social com Idosos desde os anos 60, acompanhando nestas décadas as importantes mudanças que vêm acontecendo nas relações da sociedade com a velhice.

Ao desenvolver inúmeras ações voltadas à pessoa idosa, nacional e regionalmente: mobilizou comunidades, capacitou profissionais, colaborou com instituições públicas e privadas, sempre no intuito de que a questão social dos velhos fosse definitivamente configurada entre as áreas prioritárias de intervenção em nossa sociedade. As reflexões independentes sobre esses processos podem auxiliar na construção de novos significantes para o envelhecer e resultar em ganhos para as relações sociais.

Diante disso, percebe-se a importância em se estabelecerem pactos sociais pautados na alteridade e corresponsabilidade, por meio da participação social e do diálogo, e assim, permitir que todos os indivíduos, independentemente de sua idade sintam-se respeitados.

Referências

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Brasil. Leis e Decretos. *Estatuto do Idoso*. Recuperado em 15 dezembro, 2015, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm.

Birman, J. (2013). A Terceira idade em questão. In: *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc SP, São Paulo, 24(58), 50-68. Recuperado em 20 janeiro, 2015, de: http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/501_50+ANOS+DO+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS#/tagcloud=lista.

Brum, E. (2012). *Me chamem de velha: a velhice sofreu uma cirurgia plástica na linguagem !* Recuperado em 04 maio, 2014, de: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliene-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>.

Côrte, B. (2013). As imagens dos mais de 60 na tevê 60+. O papel das telenovelas globais na difusão da 'cultura da longevidade'. In: *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc SP, São Paulo, 24(58), 36-49. Recuperado em 20 janeiro, 2015, de: http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/501_50+ANOS+DO+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS#/tagcloud=lista.

Leiva, J. *Hábitos culturais dos paulistas*. Recuperado em 05 setembro, 2016, de: <http://pesquisasp.com.br/index.html>.

Debert, G. G. (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 39-56. Recuperado em 10 junho, 2014, de: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm.

Pereira Jr., L. C. (2009). Tempos de eufemismo. São Paulo, SP: *Revista Língua Portuguesa*, 39. Recuperado em 30 janeiro, 2009, de: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11665>.

SESC – Serviço Social do Comércio; Departamento Nacional; Fundação Perseu Abramo. (2007). *Idosos no Brasil*. Recuperado em 30 agosto, 2016, de: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DESAFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE#/tagcloud=lista.

Swain, T. N. (2003). Velha? Eu? Autorretrato de uma feminista. *Labrys: estudos feministas*. Recuperado em 12 dezembro, 2015, de: <http://www.tanianavarrosain.com.br/brasil/anahi1.htm>.

Tótorá, S. (2008). A vida nas dobras... as dobras da velhice. In: *Revista A Terceira idade: estudos sobre envelhecimento*, 19(43), 27-38. São Paulo, SP: SESC SP.

Concone, M. H. V. B. (2007). Medo de envelhecer ou de parecer? In: *Revista Kairós – Gerontologia*, 10(2), 19-44. São Paulo, SP. Recuperado em 10 abril, 2015, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2588/1642>.

World Health Organization. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Suzana Gontijo, Trad. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde. Recuperado em 20 abril, 2016, de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.

Recebido em 23/11/2017

Aceito em 30/12/2017

Ioná Damiana de Souza - Pós-Graduada em Pesquisa de Mercado e Comunicação. Socióloga. Assistente Técnica da Gerência de Estudos e Desenvolvimento, GEDES, do Sesc São Paulo.

E-mail: iona@sescsp.org.br

Celina Dias Azevedo - Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, Assistente Técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais, GEPROS, do Sesc São Paulo. Mestre em Gerontologia, PUC-SP. Coordenadora editorial da *Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*.

E-mail: celinazevedo@gmail.com